

ANO V
1946
1459
PREÇO \$30

LISBOA
Sábado
19
Outubro

DIÁRIO POPULAR

Director: LUIS FORJAZ TRIGUEIROS

Editor: João Rebelo — Propriedade da Sociedade Industrial de Imprensa — Redacção, Administração e Oficinas: Rua Luz Soárez, 67 — Telefones 2999/2/3 — Endereço Teleg.: «Populare»

OS ESTADOS NÃO DEVEM POR ARBITRARIEDADE PRESSÃO OU FORÇA PERTURBAR OS DIREITOS ESTABELECIDOS DAS OUTRAS NAÇÕES

— AFIRMOU BYRNES NO SEU DISCURSO DE ONTEM

WASHINGTON, 19. — O Secretário de Estado, James Byrnes, no seu discurso da noite passada, declarou-se perturbado devido à continuada, senão crescente tensão entre os Estados Unidos e a União Soviética. Disse: «Dois Estados podem facilmente chegar a acordo se um desejar ceder a todos os pedidos».

O discurso de Byrnes que durou cerca de 30 minutos, foi consagrado principalmente às relações americanos-soviéticas. Acrescentou: «Os Estados Unidos não devem proceder assim».

Referindo-se aos violentos ataques de Molotov e de Vyshinsky na Conferência da Paz, James Byrnes comentou:

«Eu seria menos do que franco se não confessasse a minha confusão no caso, quando os delegados soviéticos atribuíram aos Estados Unidos. Não foi uma só vez, mas muitas, que eles acusaram os Estados Unidos de terem



a guerra, e com o qual desejamos estar em termos amigáveis em tempo de paz».

«Nenhum Estado deve pretender o monopólio da virtude ou da sabedoria»

Insistindo em que os Estados Unidos procuram a democracia social e económica no interior do país e no estrangeiro, Byrnes declarou:

«Defendemos a liberdade em toda a parte. Na nossa maneira de ver, a liberdade humana e o progresso humano são inseparáveis. O povo americano estende a mão amiga ao povo da União Soviética.

(Continua na 5.ª pág.)

TSALDARIS
PÔ SEM RELEVO
A IMPORTÂNCIA
DA DECLARAÇÃO
AMERICANA
SOBRE A SEGURANÇA
GREGA

ATENAS, 19. — O Primeiro Ministro grego, Tsaldaris, tendo voltado de Paris, disse que considerava como importante manifestação a favor da Grécia, a declaração feita pelo delegado norte-americano, durante a fase final da Conferência de Paris, de que os Esta-

(Continua na 8.ª pág.)

PECO A PALAVRA
ESPERANÇA

pelo prof. DELFIM SANTOS

Com o novo ano lectivo, que ora começa, uma série de preocupações desporta no mundo pedagógico. Os alunos que, pela primeira vez, transpõem o limiar das suas escolas, com a emoção que todos nós ainda recordamos, procuram integrar-se o melhor pos-

sível no ambiente cheio de esperanças e promessas de futuro, que os seus próximos auguram cheio de sucesso e compensações. A família, por sua vez, acalenta o sonho — que pode ser também realidade — e espera convictamente o proveito real e honorífico, logo que termine a fila longa dos anos que a escola exige. Por outro lado, os professores não destinados de virtudes pedagógicas lançam aos seus auditórios um pri-

(Continua na 8.ª pág.)

ESTE NÚMERO
FOI VISADO PELA
COMISSÃO DE CENSURA

CRÓNICA DE PARIS COMO DECORREU

A VOTAÇÃO DA NOVA CONSTITUIÇÃO FRANCESE

POR CADA TRÊS FRANCESES CHAMADOS ÀS URNAS
UM DISSE «SIM», OUTRO «NÃO»

E OUTRO DESINTERESSOU-SE

Do nosso redactor-correspondente em Paris
JOSE AUGUSTO

mas modificações. As suficientes para responder à vontade da massa eleitoral que rejeitara o primeiro projecto? Na aprovação da Constituição poderia encontrar-se resposta positiva, se o número dos abstencionistas não tivesse sido sensivelmente igual ao dos que aprovaram.

Mas procedemos com ordem. Quando este projecto foi, finalmente — e tumultuosamente — aprovado, uma voz especialmente autorizada se ergueu contra ele. Já se sabe que o general De Gaulle indicara, em Bayeux, as linhas que considerava fundamentais para uma nova Constituição. Ora a Primeiro Resistente da França entendia que as suas indicações não tinham sido seguidas e que a Cons-

(Continua na 8.ª pág.)

TODAS AS MULHERES
QUE NASCEREM NO PRÓXIMO ANO
SERÃO BONITAS, AMÁVEIS E AMIGAS DE DANÇAR
— ASSIM O AFIRMA O «BORDA D'ÁGUA»
QUE HÁ 110 ANOS SE PUBLICA EM COIMBRA

COIMBRA (Outubro) — Cá temos o mais antigo e acreditado repertório para 1947. Nada mais nada menos que o velho «Borda d'Água» que se publica em Coimbra há 110 anos, com uma regularidade que faz a inveja do «Times». Há 110 anos que o «Borda d'Água» é uma obra proveitosa e utilíssima, segundo as regras astrológicas, aos lavradores, pescadores, pomaréiros, hortelões, jardineiros, viajantes e caçadores. A edição do próximo ano é dedicada ao «terceiro depois do bissexto», contém os mais variados conselhos em verso e prosa e uma matemática certeza nas luas, eclipses, vento, chuva e sol. Há 110 anos que o «Borda d'Água», em prologo, se dirige aos presados leitores, afirmando sempre que: «mais uma vez a divina Providência quis que vos apresentasse o meu «Borda d'Água».

reportório que desfruta o melhor crédito pela seriedade das suas informações astronómicas, cívicas, agrícolas e religiosas. Na secção

(Continua na 3.ª pág.)



Winston Churchill condecorou há dias estas três enfermeiras do Hospital de Middlesex por serem na sua importante opinião «as melhores enfermeiras europeias em teoria e na prática». E muito gentis, atenciosas e nobres.

A REUNIÃO
DOS ALTOS COMANDOS
DO EXÉRCITO
E DA AERONÁUTICA

Prossegue hoje, ao fim da tarde, a reunião dos altos comandos do Exército e da Aeronáutica, sob a presidência do Ministro da Guerra.

Assiste o Sub-Secretário de Estado daquela pasta e neia tomam parte o major-general do Exército, chefe e sub-chefe do E. M., ajudante geral, administrador geral, Governador Militar de Lisboa, comandantes das 4 Regiões Militares e comandante geral da Aeronáutica Militar.

EMPRÉSTIMO
NORTE-AMERICANO
AO BRASIL

RIO DE JANEIRO, 19. — Nos círculos informados desta capital corre que estão em curso negociações para a concessão de um empréstimo dos Estados Unidos ao Brasil, destinado a desenvolver ao máximo a indústria do aço no território brasileiro, que atingiu já notável incremento nos altos fornos de Volta Redonda.

Com o referido empréstimo, o Brasil montaria novos altos fornos, visto que tem minério de ferro em abundância, e passaria a exportar enormes quantidades de ferro e aço para a Europa. — (U. P.).

DE LISBOA
LISBOA
AVENÇA
G — 566

CRONICA ULTRAMAR

A CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DO COMÉRCIO AS COLÔNIAS E AS ECONOMIAS NACIONAIS

Na ultima crónica (11-X-46), dissemos que as propostas americanas tendentes a estabelecer a liberdade do comércio internacional a destruir ou, pelo menos, reduzir muito as barreiras aduaneiras tinham provocado nos países estrangeiros, especialmente na Inglaterra, uma oposição séria e fundamentada.

Devem estar reunidos em Londres os representantes de 18 Nações numa assembleia preparatória. É portanto assunto actual e de grande interesse para todos os países, mormente para os que têm a sua economia estruturada em regimes de trocas imperiais ou coloniais.

Podemos resumir a posição interna dos grupos americanos no que toca às propostas do Livro Branco assim:

a) O Governo pretende instituir a liberdade do comércio externo, tendo em vista os interesses dos exportadores americanos, o pleno emprego da mão de obra americana e a abolição das restrições impostas pelos cartéis internacionais; b) os industriais desejam exportar o máximo para garantir a lucratividade das empresas e o domínio dos mercados do exterior; c) os poderosos «trusts» e cartéis querem colocar capitais nos mercados estrangeiros, procurando comandar as economias estranhas através da influência e do rendimento dos cabedais emprestados ou aplicados; d) os organismos sindicais defendem a modificação da estrutura da economia americana, o aumento do poder de compra das massas em ordem a garantir o escoamento da produção para o próprio mercado interno e o equilíbrio dinâmico dos salários e preços.

A situação não é, pois, muito clara no que respeita à opinião geral dos Estados Unidos da América.

A propósito da terceira das tendências apontadas um jornal económico francês escrevia há pouco: «Veremos assim realizar-se um programa que transformará cada pequena empresa, no mundo, em filial de um poderoso banco, isto é, na maior parte dos casos de um banco americano? Esta é a verdadeira questão. Sob o pretexto de liberdade das trocas pretende-se expor as indústrias nacionais dos países devastados à invasão de um certo capital».

Acerca da segunda daquelas opiniões escreveu-se no «Times»:

«Achar a solução é o mesmo que exportar o desemprego americano para os outros países».

No Conselho Económico e Social das Nações não se chegou a acordo completo. Nações de influência decisiva na economia mundial não aprovaram a proposta.

O distinto cirurgião dr. Augusto Toledo Esgau retomou a clínica diária, tendo aberto uma nova consulta na avenida Guerra Junqueiro, 3, e mantendo o seu antigo consultório na avenida da Liberdade, 232.

— Regressa amanhã, ao Funchal, o médico madeirense dr. Walter Belmondo que, em missão de estudo, visitou os principais centros clínicos da Suíça, da França e da Espanha.

— Partiu para Madrid e Valencia, regressando a Lisboa por Salamanca, o dr. Jaime Lopes Dias, director dos Serviços Centrais da Câmara Municipal de Lisboa.

NOTÍCIAS PESSOAIS

O distinto cirurgião dr. Augusto Toledo Esgau retomou a clínica diária, tendo aberto uma nova consulta na avenida Guerra Junqueiro, 3, e mantendo o seu antigo consultório na avenida da Liberdade, 232.

— Regressa amanhã, ao Funchal, o médico madeirense dr. Walter Belmondo que, em missão de estudo, visitou os principais centros clínicos da Suíça, da França e da Espanha.

— Talvez o grande erro esteja em querer impor um sistema antigo, que serviu noutros tempos uma economia diferente da actual, quando hoje as modificações profundas da vida nacional e internacional aconselham novas soluções e novos rumos.

DR. ARMANDO NARCISO
RETOUROU A CLÍNICA
Restauradores, 48-1.

IMPERMEABILIZAÇÕES

DE GABARDINES E TODO O VESTUÁRIO CONTRA A CHUVA
FÓRMULA QUÍMICA INGLESA

Serviços «CORA» — Secção anexa à Alfaiataria
de ANGELO SOARES

RUA DA PRATA, 156, S/L — TELEFONE 23422

tucatula O BAÚ DE FONTENELLE

Passei ontem duas horas conversando com o meu velho amigo Fontenelle. Não obstante Fontenelle ter sido dos escritores que mais vibraram (na verdade o autor do «Julgamento de Plutônio nasceu em Ruão, a 11 de Fevereiro de 1657, e faleceu em 9 de Janeiro de 1757), quando eu vim ao mundo já ele o tinha deixado há cento e muitos anos. Esta circunstância não impede, porém, que ele pertença ao numero dos escritores meus amigos com quem converso mais frequentemente. E' conhecida a história de certo personagem sueco que, ao entrar em Paris — no Paris dos fins do século XVII — a primeira coisa que desejava saber foi a morada de Fontenelle. Logo que viu o filósofo, considerou-se satisfeito e regressou imediatamente ao seu país, afirmando que tinha visto a única raridade da França. Esta significativa anecdota dá bem ideia do prestígio que já então envoltava o famoso confidente do duque de Orleans. Poeta, dramaturgo, filósofo, matemático, astrônomo, mestre dos mestres, verdadeira glória da cultura francesa do seu tempo, Fontenelle conseguiu ser ainda — dom precioso e raro — um homem de espírito. E' designadamente sobre este último aspecto que o seu contínuo me encanta. Citam-se as suas reflexões. As suas réplicas correm mundo. Maravilhosa, a sua ironia! Ainda ontem, quando conversámos, reio, a propósito, falar-se de critica.

— O que pensa da crítica, sr. Fontenelle? — permiti-me inquirir a certa altura.

O autor do «Discurso acerca da paciência» sorriu e, pacientemente, respondeu-me:

— O que penso sobre essa senhora? Eu lhe digo. Tenho em minha casa um velho baú. A chave guarda-o o meu criado. Pois bem. Esse baú reservou eu para arquivar, como o mais convicto dos bibliotecários, todas as críticas suscitadas, não apenas pela minha obra, mas pela minha pessoa. O mais extraordinário, pelo menos para muita gente, é que nunca as li.

— Nunca as leu?

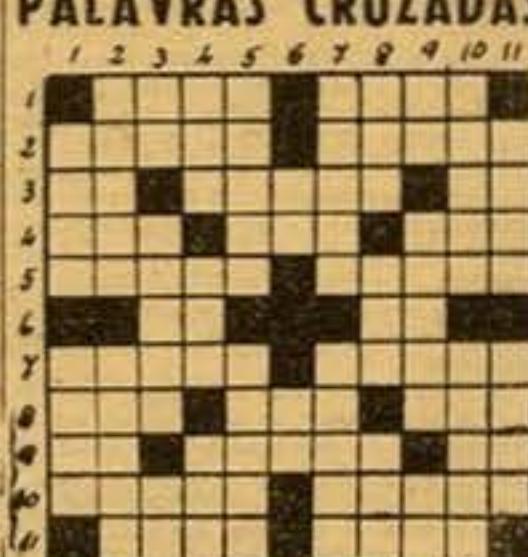
— Nunca. De duas, uma: ou a crítica é bem feita ou é mal feita. Se é bem feita, os meus amigos far-me-á ciente dela e eu procurarei corrigir-me; se é mal feita, não possui qualquer vantagem intelectual e pode incomodar-me o suficiente para perturbar uma das coisas que mais aprecio no mundo: o meu repouso.

Houve um momento de silêncio. Depois Fontenelle abriu a sua espírituosa caixa de rapé, tomou uma pitada e comentou:

— Ainda um pormenor. Quando passo pelo baú nunca deixo de repetir a mim próprio: — «O que é preciso é trabalhar sempre com consciência!»

Luis de Oliveira Guimarães

PALAVRAS CRUZADAS



HORIZONTALS: 1 — Terra portuguesa; terra alentejana. 2 — Aparências rezara. 3 — Viração; gasta; estás. 4 — Prega; interj.; nome fem. 5 — Apagas; ponteiros que indicam as horas relógios. 6 — Art. def. (pl.); notamus. 7 — Capital dum país da Europa; sacerdote gentio no Congo. 8 — Nome fem.; o mesmo que eiros; cont. de prep. e art. (pl.). 9 — Pron. pers.; desenvolve; gracieza. 10 — Adiciona; tempo do verbo aludir. 11 — Relativo à boca.

VERTICAS: 1 — Confusão (fig.).

ESPERANÇA

(Continuação da 1.ª pág.)

meiro olhar interrogativo para ver com o que podem contar, e desejam firmemente que, entre os seus ouvintes, muitos sejam aqueles que claramente lhes dêem a alegria do aproveitamento e, se possível, sugestões para mais vivo e fecundo ensino.

Os leitores deste jornal sabem quanto o problema da educação sofre da inactual finalidade que visa, pois, neste lugar, têm sido publicados testemunhos valiosos

MULHERES

(Continuação da 1.ª pág.)

dos conselhos aos seus leitores, há 110 anos que o verdadeiro «Borda d'Água», continua a afirmar: «Não faças aos outros o que não queres que a ti te façam». No referido prólogo, o «Borda d'Água», borda ainda várias considerações sobre a guerra e a paz, afirmando categoricamente que morreram 31 milhares de pessoas na última guerra.

Propriamente nas informações astronómicas e agrícolas o «Borda d'Água» é infalível há mais de cem anos. Assim, o leitor pode, desde já, saber que o próximo ano entra com lua cheia e que no dia 7 de Janeiro há grossa geada e bastantes nuvens. Para 14 do mesmo mês recomenda a sementeira das favas, ôculos, repolho e ervilha. No dia 23 devem ler-se os editais que regulam o tempo de cazar. E em verso épico o «Borda d'Água» remata o seu primeiro mês de 1947:

Planta e enxerta, que tudo importa no crescente
E no minguante a madeira corta
que fica excelente.

O entrudo aparece-nos a 18 de Fevereiro com esta marca:

Em tempos que já lá vão
O recordar não faz mal
Como eram divertidos
Os dias de Carnaval.

A Páscoa regista-se a 6 de Abril e para o dia 13 o verdadeiro «Borda d'Água» dá uma valente trovoada que é a da tosquia das ovelhas... Os dias já têm mais 51 minutos. A 2 de Maio temos eclipse visível no Pacífico e deve começar sobre este signo a plantação dos pinhais e dos tomates. Treze de Junho, Santo António de Lisboa: o «Borda d'Água» de 1947 deixa-lhe quadra:

Por esse mundo além
Encheste de fé os corações
Tentos milagres fizestes
Tão bons e lindos sermões.

Vinte e três de Julho, em letra garral: «principiam as canículas».

Vinte e três de Agosto, uma tremendíssima trovoada. Devem-se preparar as dorsas e capar os mulhões. Também o «Borda d'Água» recomenda aos seus fieis leitores da cidade de que este mês deve ser passado na praia ou no campo. Setembro e Outubro, além das vindimas, não assinala nada de maior, mas em Novembro já o caso muda de figura, com um eclipse anular do sol visível na América do Norte.

Fazendo o «juiz do ano» o «Borda d'Água» afirma categoricamente que o 1947 entra a quarta-feira com o Planeta Mercúrio, que faz sempre uma revolução em volta do sol do poente para o nascente. Isto significa que o próximo ano vai ser de grande fartura em cereais, batatas, vinho e azeite. Todas as mulheres que nascerem no ano de 1947 serão bonitas, amáveis e amigas de dançar — o que nada as prejudica segundo o «Borda d'Água».

Os homens serão brigões mas farão fortuna. E' claro, o «Borda d'Água» faz ainda votos para que o juiz do ano se modifique conforme a vontade dos leitores.

E para terminar, na letra mais garral de todo o reportório, avisam-se os leitores de que: «as luas vão marcadas na hora moderna».

de pessoas responsáveis, mas que, por isso mesmo, não estão satisfeitas nem com os resultados, nem com os métodos, nem com os processos que a escola usa e, parece, abusa. Aliás este incomodatório sentimento de preocupação com um dos problemas mais sérios da organização social não é endémico, mas geral. Ainda recentemente um dos mais notáveis pedagogos franceses, autor de numerosas reformas, colaborador de novos planos escolares e dirigente da administração escolar, publicou um livro, após a sua reforma, isto é, depois de poder objectivamente afastar-se da sua obra, que, à maneira de testamento, e como visão geral dos esforços que realizou, proclamava sem reticências a «faulência do ensino».

Não é preciso forçar a nota para admitir o que a todos se está tornando evidente: que, como sucede a muitos outros aspectos da vida social, as rotinas escolares ainda hoje seguidas já não têm vida, e que urge largarmos-nos na busca de novos caminhos para conseguirmos resultados um pouco mais utéis e um pouco mais sérios. Como sempre sucede, porém, em épocas de desorientação como a nossa, não é isso tarefa fácil e a muitos parece mesmo pouco oportuno tratar-se do problema. Apesar de tudo, há sintomas nitidamente expressivos de que alguma coisa está na forja, e que o problema educativo precisa de ser total e fundamentalmente revisto à luz da nova concepção do homem, que as correntes antropológicas em filosofia estão elaborando.

Como sempre sucede em tais casos, o acordo não surge imediatamente. Os velhos processos têm velhos defensores, que são, enquanto podem, terríveis agentes de conservação pelos motivos habituais das preferências. Para uns, tudo está mais ou menos bem e, para se conseguir a almejada perfeição, basta incluir uma ou duas cadeiras novas em qualquer licenciatura universitária, ou passar no licenciado o ensino do francês e do inglês para o ano anterior ou para o seguinte áquele que a última reforma tinha estabelecido, ou, no ensino primário, exigir todos ou só alguns afluentes de qualquer rio principal. E é nesta dança que se passa o tempo sem proveito para os que aprendem e sem qualquer utilidade para a nação.

Não é assim, na verdade, que o problema pode ser resolvido. A chamada pedagogia científica tem feito muitas medições e publicado muitas monografias sem real interesse. Mesmo na América a situação é clara, relativamente à metódica quantitativa levada a um exagero sem precedentes por centenas de investigadores, que passaram a vida em medições de laboratório, à imagem e à semelhança dos investigadores da física e da química. A pedagogia exclusivamente voltada para o enriquecimento da inteligência, — não cízemos desenvolvimento, — está sucedendo uma pedagogia que considera seu tema central o desenvolvimento do carácter. Em livro recentemente chegado a Portugal, em tradução publicado no México, Bode, o grande pedagogista norte-americano, tratando das «Teorias educativas modernas», faz a crítica mais impiedosa e mordaz que é possível aos métodos que, parece, são ainda entre nós proclamados como excelentes. Vale a pena ler esse livro de crítica à pedagogia americana feita por um americano. Relativamente à estupidez dos pedagogos americanos, devido ao abuso dos métodos chamados científicos, afirma: «há muitos educadores hoje em dia que têm pouca indulgência para o que eles chamam «filosofar». Segundo eles, todos os problemas da educação devem resolver-se com o metro e mediante curvas estatísticas. O irónico desta situação consiste em que estas pessoas tão profundamente modernas estão vivendo com um ou dois séculos de atraso».

CONSTRUÇÃO DE CASAS

para famílias pobres

Foi concedida à Santa Casa da Misericórdia de Mirandela um subsídio de 100.000\$000 para a construção de casas de habitação para as classes pobres; e foi reforçado com a quantia de 30.000\$000 o subsídio de 70.000\$000, pelo Fundo de Desemprego, concedido à Santa Casa da Misericórdia de Ferreira do Alentejo, destinado à construção de vinte casas para alojamento de famílias pobres.